



A IMPORTÂNCIA DA BIOÉTICA

Marlene Boccato

Membro do Comitê de Ética e Pesquisa do Centro Universitário São Camilo.

Rua Ribeirão Bonito, 131. São Paulo. SP. 04286-130. marbocatto@hotmail.com

Palavras-chave: Bioética; Ética; Moral.

ÉTICA E MORAL

Atualmente se discute muito sobre ética: ética na política, ética na educação, ética na pesquisa, ética na saúde, etc. Mas, o que é ética? Qual a diferença entre a ética e a moral?

O termo ética provém do grego *ethos*, que significava “morada”, “lugar em que vivemos” e passou a significar “o caráter”; “o modo de ser” que uma pessoa ou um grupo vai adquirindo ao longo da vida. Por outro lado, “moral” procede do latim *mos, moris* que significava “costumes”, mas passou a significar, também, “caráter” ou “modo de ser”. Apesar dos termos ética e moral serem etimologicamente equivalentes, moral é diferente de ética.

Moral é um conjunto de princípios, valores e normas que regulam a conduta humana em suas relações sociais em determinado momento histórico. O que é moral em um momento pode não ser em outro. A moral é imposta, por exemplo, pelo Código Civil. A ética implica na opção individual, escolha ativa, requer adesão íntima da pessoa a valores, princípios e normas morais. A pergunta básica da moral é “o que devemos fazer?”, enquanto que a da ética é “por que devemos fazer?”, ou seja, “que argumentos corroboram e sustentam o que estamos aceitando como guia de conduta?”.

Portanto, o comportamento ético exige reflexão crítica diante dos dilemas, na qual devem ser considerados, entre outros, os sentimentos, a razão, os patrimônios genéticos, a educação e os valores morais. Essa reflexão pode causar desconforto, ansiedade e angústia, visto ser um processo ativo “de dentro para fora”, e é por isso que sem a autonomia, a justiça e a tolerância para ouvir os pontos de vista dos outros e aceitar em mudar os próprios, não existe o comportamento ético.

GÊNESE E DESENVOLVIMENTO DA BIOÉTICA

Discutir sobre ética nos remete à Bioética, que procede do grego *bios*, vida e *ethos*, ética, que significa

ética da vida. Mas, como ocorreu a gênese e o desenvolvimento da Bioética?

O termo Bioética foi descrito pela primeira vez em um artigo de 1970 de Van Rensselaer Potter, *The science of survival* e, no ano seguinte, num livro do mesmo autor *Bioethics: bridge to the future*. Também em 1971, Andre Hellegers utiliza esse termo para nomear o Institute for Study of Human Reproduction and Bioethics, instituição importante na gênese e desenvolvimento da Bioética. Entretanto, determinar o nascimento da Bioética não é fácil, vários são os fatos e documentos que tiveram impacto na sua gênese e desenvolvimento.

Dentre os documentos e acontecimentos relevantes, destacamos o Código de Nuremberg (1947), conhecido como o marco inicial sobre a discussão da ética na pesquisa em seres humanos. Este código foi descrito em virtude das atrocidades ocorridas durante a Segunda Guerra Mundial, nos campos de concentração nazistas, e relatadas no julgamento de Nuremberg (1946). Além dessas atrocidades nazistas, a explosão da bomba atômica no Japão, em 1945, também foi um fato histórico importante para a reflexão Bioética.

Outros documentos importantes para a Bioética foram a Declaração de Genebra (1948), que representou uma atualização da ética hipocrática e a Declaração de Helsinque (1964), que na realidade foi uma revisão do Código de Nuremberg. Esta última foi revisada em 1975 (Tóquio), 1983 (Veneza), 1989 (Hong Kong), 1996 (Somerset West, República da África do Sul) e 2000 (Edimburgo, Escócia). Na última revisão da Declaração de Helsinque estabeleceram-se, também, as normas para a pesquisa médica sem fins terapêuticos.

Abaixo citamos alguns fatos históricos importantes de deslizamentos éticos na pesquisa biomédica que influenciaram a gênese da Bioética:

- caso Tuskegee (Alabama), iniciado nos anos 40 e perpetuado até 1972, quando negou-se tratamento a quatrocentos negros sífilíticos com o intuito de estudar a história natural da sífilis, sendo que penicilina já tinha sido descoberta em 1945;

- entre 1950 e 1970, no hospital estatal de Willowbrook (New York), crianças deficientes mentais foram infectadas com vírus da hepatite A com o intuito de se descobrir uma vacina;
- em 1963, no hospital Israelita (New York), os pesquisadores queriam obter maiores informações sobre o processo de rejeição de transplantes em seres humanos e injetaram células cancerígenas num grupo de 22 idosos;
- em 1967, Dr. Christian Barnard realizou o primeiro transplante de coração. As questões bioéticas foram sobre o consentimento do doador e se ele já estava morto. Posteriormente, a Harvard Medical School, nesse mesmo ano, estabeleceu a morte cerebral como determinação da morte.

Fatos como os descritos anteriormente, mobilizaram a opinião pública e, numa ação interdisciplinar, estudiosos convocados pelo Congresso Americano, repensaram as bases éticas necessárias em relação à pesquisa com seres humanos. Elas foram publicadas, em 1978, no Relatório Belmont, que se baseou na Declaração de Helsinque sobre ética médica e incluiu os princípios da autonomia, beneficência e justiça. Posteriormente, em 1979, Beauchamp e Childress acrescentaram um quarto princípio, o da não-maleficência. Esses quatro princípios desencadearam uma discussão sobre princípios que acabou por ser denominada de corrente principialista da Bioética.

O Brasil possui a Resolução nº 196/1996 do Conselho Nacional de Saúde (CNS), que regulamenta as diretrizes e normas da pesquisa envolvendo seres humanos. Essa Resolução, inovadora, pioneira e consagrada no cenário internacional, visa assegurar os direitos e deveres que dizem respeito à comunidade científica, aos sujeitos da pesquisa e ao Estado, e incorpora, entre outros, os quatro princípios básicos da Bioética:

- autonomia - consentimento livre e esclarecido dos indivíduos-alvo (é fundamental que os sujeitos sejam cuidadosamente esclarecidos quanto ao que se está pedindo a eles, e que sejam deixados livres para decidir) e a proteção a grupos vulneráveis e aos legalmente incapazes. Neste sentido, a pesquisa envolvendo seres humanos deverá sempre tratá-los em sua dignidade, respeitá-los em sua autonomia e defendê-los em sua vulnerabilidade;
- beneficência - ponderação entre riscos e benefícios, tanto atuais quanto potenciais, individuais ou coletivos, comprometendo-se com o máximo de benefícios e o mínimo de danos e riscos;
- não-maleficência - garantia de que danos previsíveis serão evitados;
- justiça - relevância social da pesquisa com vantagens significativas para os sujeitos da pesquisa e minimização do ônus para os sujeitos vulne-

ráveis, o que garante a igual consideração dos interesses envolvidos, não perdendo o sentido de sua destinação sócio-humanitária.

Provavelmente, o fato de maior impacto na área da Bioética foi o desenvolvimento da tecnologia do DNA recombinante (engenharia ou manipulação genética). A descoberta do modelo do Ácido Desoxirribonucleico (DNA), em 1953, foi fundamental para que, a partir da década de 70, os cientistas desenvolvessem essa biotecnologia. E, embora os avanços biotecnológicos proporcionem evoluções nas áreas da saúde, do meio ambiente, da industrialização de alimentos e da agropecuária, eles ocasionam dilemas bioéticos como, por exemplos, na utilização do teste de identidade pelo DNA e na produção de alimentos transgênicos.

Em consideração a esses avanços técnico-científicos e suas aplicações, o CNS criou as resoluções nº 340/2004, que regulamenta a pesquisa em genética humana, e a nº 347/2005, que descreve sobre o armazenamento e utilização de material biológico humano no âmbito de projetos de pesquisa. Essas resoluções complementam a Resolução CNS no 196/1996.

Para finalizar a descrição de alguns fatos e documentos que tiveram impacto na gênese e desenvolvimento da Bioética, destacamos as contribuições do movimento feminista. O feminismo contribuiu para a melhora do sistema educacional, para uma maior incorporação das mulheres no mercado de trabalho e em diferentes postos, inclusive na política, para mostrar a importância dos direitos reprodutivos e da gestante e do combate à violência contra a mulher. Além disso, o movimento feminista é fundamental para a compreensão e o respeito em relação às diferenças de gênero, de etnias e de preferência sexual.

Levando-se em consideração todos esses dados, não é de se espantar que a Bioética assumisse proporções surpreendentes. Muitos são os centros ou comitês de pesquisa e ensino que se formam em torno da Bioética, sendo que alguns influenciam as ações políticas em vários países. Além disso, atualmente, vários jornais, revistas, televisão e páginas da internet divulgam matérias sobre Bioética, assim como inúmeras iniciativas organizacionais e educacionais promovem congressos e eventos, quer de âmbito mundial, nacional ou regional nessa área.

BASES CONCEITUAIS DA BIOÉTICA

Potter, considerado por muitos como o pai da Bioética, utilizou “bio” para representar o conhecimento biológico, a ciência dos sistemas vivos e, “ética”, para representar o conhecimento dos sistemas de valores humanos. Ele definiu a Bioética como “a ciência da sobrevivência humana”, cujo objetivo era promover mudanças no meio ambiente onde se pudesse realizar uma adaptação humana ideal dentro de tal meio.

Por outro lado, Hellegers e outros pesquisadores enfocam como alvo principal da Bioética os temas biomédicos relacionados aos dilemas dos profissionais da saúde e seus pacientes, e dos pesquisadores e empresas e seus sujeitos de pesquisa. Eles utilizam, como referência, a corrente principialista da Bioética, que é baseada, conforme descrito anteriormente, nos princípios da autonomia, beneficência, não-maleficência e justiça, para guiar o comportamento dos profissionais nos diversos dilemas bioéticos relacionados ao mundo da saúde e da pesquisa biomédica.

Sem deixar de levar em consideração a enorme contribuição dessa corrente para a Bioética, várias críticas foram feitas sobre os limites do principialismo e à universalidade de seus princípios, em contraposição ao que ocorre na reflexão Bioética, iniciada por Potter, que engloba não só os temas biomédicos, mas o problema da sobrevivência humana de forma integral, levando em consideração não só a humanidade, mas a inter-relação de todos os seres vivos e desses com o meio ambiente, fazendo com que a Bioética seja uma área de ação e de interação de profissionais e estudiosos oriundos das mais diversificadas áreas do conhecimento.

Segundo Pessini (2006), a reflexão potteriana de Bioética antecipa-se a toda a problemática ecológica de hoje, e tem sintonia com a causa ecológica das Nações Unidas, que identifica três grandes desafios a serem enfrentados em nosso tempo. O primeiro desafio trata da necessidade de manter a paz no mundo; o segundo é a luta contra a pobreza no mundo e o terceiro está ligado ao meio ambiente, sendo que esses três desafios são interdependentes, pois sem combater a pobreza serão inúteis todas as medidas ecológicas. Se não nos preocuparmos com a ecologia, todos os nossos esforços para construir um mundo mais justo estarão fadados ao fracasso, e nossos descendentes terão que pagar pelo nosso comportamento insensato e depredador da natureza. A própria vida na Terra corre o risco de desaparecer, tornando-se somente um episódio efêmero na história do nosso universo.

No livro - Bases conceituais da Bioética - de Garrafa, Kottow e Saada (2006) aprofunda-se o conhecimento sobre este tema sob um enfoque latino-americano.

QUAIS SÃO OS DILEMAS DA BIOÉTICA?

Volnei Garrafa divide os dilemas da Bioética em dois tipos:

- Bioética das situações persistentes (“Cotidianas”) que incluem os seguintes temas: exclusão social; racismo; alocação de recursos (priorização, distribuição e controle); discriminação da mulher; abandono de crianças e idosos; poluição ambiental; fome; aborto; eutanásia; educação; além de outros.
- Bioética das situações emergentes (de limites

ou fronteiras) que incluem os temas: doação e transplantes de órgãos e tecidos; manipulação genética; fecundação assistida; clonagem; células-tronco; organismos geneticamente modificados; controle da biodiversidade; etc.

Com isso, pode-se concluir que a Bioética está envolvida com o nascer, o viver e o morrer, o que faz com que seja primordial, tanto para a nossa vida pessoal, quanto para a profissional. Portanto, os dilemas bioéticos devem ser considerados sob vários aspectos na tentativa de harmonizar os melhores caminhos.

Para tanto, segundo Boccato e Tittanegro (2005), a tolerância é fundamental, isto é, a aceitação do modo de pensar do Outro. Só podemos falar em tolerância porque o Outro não forma um Todo comigo; suas idéias, sua maneira de ver e de pensar a vida são próprias de sua maneira de ser. O grande desafio de um mundo pluralista é a convivência pacífica entre modos de ser distintos.

É por isso que Botler e Molina (2003) descrevem que a Bioética não busca a padronização de comportamentos, mas uma reflexão ponderada das relações que estabelecemos com o Outro, visto que a padronização aniquilaria a possibilidade do Outro, da diversidade, a partir do que apontamos para a questão: será que existe apenas uma verdade?

É importante ressaltar que a Bioética deve se tornar a peça chave em relação às ações políticas que envolvem os seres vivos, assim como a proteção do meio ambiente. Fato fundamental para sobrevivência e qualidade de vida de todos os seres, como descrito no artigo 17o sobre Proteção do Meio Ambiente, da Biosfera e da Biodiversidade da Declaração Universal sobre Bioética e Direitos Humanos de 2005:

“...devida atenção deve ser dada à inter-relação de seres humanos com outras formas de vida, à importância do acesso e utilização adequada de recursos biológicos e genéticos, ao respeito pelo conhecimento tradicional e ao papel dos seres humanos na proteção do meio ambiente, da biosfera e da biodiversidade”.

Refletindo o que foi descrito sobre Bioética, por vários autores, pode-se sugerir que ela não é ética pré-fabricada, mas um espaço de reflexão à procura de respostas para os diferentes dilemas bioéticos, não sendo apenas, um questionamento do proibido e do permitido. Ela busca o resgate da dignidade da pessoa humana, com ênfase na qualidade de vida dos seres vivos e na proteção do meio ambiente. Portanto, a Bioética é um chamado para nos tornarmos livres pensadores rumo à cidadania.

REFERÊNCIAS RECOMENDADAS

ANJOS, M.F. Bioética: abrangência e dinamismo. Espaços 4/2. 1996.

BOCCATTO, M. Bioética e o Início da Vida: um enfoque nas questões da origem da vida, da fertilização assistida, das células-tronco, da clonagem e do aborto. In: MALAGUTTI, W. (Org.) Bioética e enfermagem: controvérsias, desafios e conquistas. Rio de Janeiro: Rubio, 2007.

BOCCATTO, M.; TITTANEGRO, G.R. Bioética: A questão da interdisciplinaridade e da transdisciplinaridade. In: VIEIRA, T.R. (org.) Bioética nas Profissões. Rio de Janeiro: Vozes, 2005.

BOTLER, A.H.; MOLINA A. O ensino e a vivência da bioética na UPE. In: MOLINA, A et al (org.). Bioética e Humanização: vivências e reflexões. Recife: EDUPE; 2003.

COSTA, S.I.F.; OSELKA, G.; GARRAFA, V. (Coords.) Iniciação à Bioética. Brasília: Conselho Federal de Medicina, 1998.

DECLARAÇÃO UNIVERSAL SOBRE BIOÉTICA E DIREITOS HUMANOS. 2005. Disponível em: <http://www.mct.gov.br/upd_blob/0008/8685.pdf>. Acesso em 30 jul. 2007.

DURANT, G. A bioética: natureza, princípios, objetivos. São Paulo: Paulus, 1995.

GARRAFA, V. Introdução à Bioética. 2005. Disponível em: <http://www.bioetica.catedraunesco.unb.br/htm/X%20-%20htm/biblio/periodicos/Introducao_Bioetica.pdf>. Acesso em 30 jul.2007.

GARRAFA, V; KOTTOW, M. E SAADA, A. (Orgs.) Bases conceituais da Bioética enfoque latino-americano. São Paulo: Gaia, 2006.

MOLINA A. Bioética: uma abordagem para iniciantes. In: MOLINA, A et al. (Orgs.). Bioética e Humanização: vivências e reflexões. Recife: EDUPE; 2003.

PESSINI, L. Bioética: das origens à prospecção de alguns desafios contemporâneos. In: PESSINI, L.; BARCHIFONTAINE, C.P. (Orgs.). Bioética & Longevidade. São Paulo: Centro Universitário São Camilo: Loyola, 2006.

PESSINI, L.; BARCHIFONTAINE, C.P. Problemas atuais de Bioética. 6. ed. São Paulo: Loyola, 2002.

SEGRE, M.; COHEN, C. (Orgs.). Bioética. São Paulo: EDUSP; 1999.

BOCCATTO, M. . REFLEXÕES BIOÉTICAS SOBRE A BIOTECNOLOGIA UTILIZADA NO SÉCULO XXI E O INÍCIO DA VIDA. In: Cristiane Regina Ruiz; Gláucia Rita Tittanegro. (Org.). Bioética uma diversidade temática. São Caetano do Sul: Difusão, 2007.

PÁGINAS NA INTERNET PARA CONSULTA

www.agencia.fapesp.br

www.bioetica.org.br

www.cienciahoje.uol.com.br/view

www.sbbioetica.org.br

www.scamilo.edu.br/biblioteca/catalogo_bioetica

www.sbg.org.br

www.sbgpcnet.org.br